

**A Melancolia como ponto de partida para a Criatividade: disposição transformadora “do cinzento ao matizado”**

Reinaldo Reis da Silva  
Orientadora: Profa. Dra. Cleusa Sakamoto

**Resumo**

A pesquisa tem como objetivo dissertar sobre a possível relação entre melancolia e criatividade, ao tratar dos processos e conjunturas que dizem respeito à interioridade e a sensibilidade humana. Pretende investigar as condições de vacuidade e perda de sentido que contornam a melancolia e o humor melancólico e, a partir disso, propõe uma apresentação da melancolia não como patologia, mas, sim como possível fator determinante do ato criativo. O artigo parte da pergunta aristotélica segundo a qual todos os homens que foram de exceção, na filosofia, ciências do Estado, poesia e nas artes, eram melancólicos. O estudo mostra-se relevante na medida em que poderá trazer novas possibilidades de análise e direcionamento para o entendimento da melancolia, que estejam além da usual discussão do estado melancólico como problema de sociabilidade, ou relacionado a métodos farmacológicos, ou ainda, atrelado a atos autodestrutivos como o suicídio. Serão abordadas as circunstâncias ou condições, e possíveis estímulos motivadores que possibilitam refletir sobre os estados de melancolia no existir humano.

**Palavras-chave: Melancolia; Criatividade; Sofrimento; Fatores existenciais; Potência.**

**Introdução**

Pesquisar as estruturas subjetivas da melancolia ou dos estados melancólicos é um trabalho que exigiu muito esforço e sensibilidade. Nossa curiosidade nasceu de uma pergunta singular – A melancolia pode ser considerada um ponto de partida para a criatividade?

A pesquisa realizada será apresentada a partir de dois blocos de discussão, são eles: 1- a construção histórica, clínica e filosófica do conceito de melancolia, 2- a relação da melancolia com a genialidade ou com o gênio criador, tendo em vista a visão aristotélica comentada por Jackie Pigeaud (1998).

A visão aristotélica apresentada no texto intitulado “Problema XXX,1” mostra a indagação do filósofo que questiona por qual razão os homens que foram de exceção, naquilo que concerne a filosofia, a poesia, as artes e as ciências são manifestamente melancólicos.

O homem em sua subjetividade carrega consigo angústias, tristezas, aflições, *mataiotés* (palavra grega que significa vazio/vacuidade) e tais elementos, muitas das vezes, decorrem de experiências que envolvem uma perda de sentido e de significação no que se refere à vida e a seus pormenores; por conseguinte, há um desencadeamento de um desconforto naquilo que chamamos de “Eu” (Self). Segundo a psicanálise, os estados melancólicos estão de alguma forma relacionados a uma perda objetal que permanece atuante na dinâmica psíquica.

A perda de sentido da vida é caracterizada pela necessidade excessiva do encontro de respostas, Freud (1964)<sup>1</sup> refere em *Luto e Melancolia* que o melancólico sabe que perdeu, mas, não sabe o que perdeu. Freud (1996) inicia seu texto apresentando uma tentativa de esclarecimento da melancolia e para isso estabelece uma relação entre luto e melancolia.

Tendo os sonhos nos servido de protótipo das perturbações mentais narcisistas na vida normal, tentaremos agora lançar alguma luz sobre a natureza da melancolia comparando-a com o afeto normal do luto.<sup>2</sup>

Segundo Freud (1964) o luto de modo geral, é um período transitório em relação à perda de um ente querido; a perda é uma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como a liberdade ou o ideal de alguém e assim por diante. Embora muitas das vezes o luto provoque grave afastamento da vida cotidiana fazendo com que as pessoas não exerçam suas atitudes normais para com a vida, o luto não é considerado uma patologia, e por isso não deve ser submetido a tratamentos médicos. Considerando que o estado será superado com o passar do tempo, qualquer interferência em relação a ele pode ser prejudicial e ineficaz. Os atributos que assinalam a melancolia, por sua vez, é o desânimo profundamente penoso, o desinteresse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição em relação a qualquer atividade, e uma redução dos sentimentos de autoestima e, é partir dessas características que se torna nítido o

---

<sup>1</sup> FREUD, S. **Obras completas**. Luto e melancolia. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1964.

<sup>2</sup> IBIDEM. p. 275.

contraste entre luto e melancolia. No luto com a exceção da fragilidade para com a autoestima, todas as características da melancolia estão presentes.

Esse quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, como uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. A perturbação da autoestima está ausente no luto; fora isso, porém, as características são as mesmas. O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não evoca esse alguém -, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor, e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele.<sup>3</sup>

Enquanto o luto se dá com a perda real do objeto amado, a melancolia se dá com a perda inconsciente do objeto de amor; tendo em vista a perspectiva freudiana, a melancolia é classificada como uma “psiconeurose narcísica” que em algumas pessoas pode ser desencadeada por um processo de luto, contudo em consequência a uma predisposição à patologia. No luto é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio ego.

Em algumas pessoas as mesmas influências causas pela perda produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte suspeitamos que essas pessoas possuem uma disposição patológica<sup>4</sup>

Embora Freud (1964) aponte a melancolia como uma condição patológica, ele mesmo afirma a variação que envolve o conceito.

Devemos começar por fazer uma confissão, como advertência contra qualquer superestimação do valor de nossas conclusões. A melancolia cuja definição varia inclusive na psiquiatria descritiva, assume várias formas clínicas, cujo agrupamento numa única unidade não parece ter sido estabelecida com certeza.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> IBIDEM. p. 275.

<sup>4</sup>IBIDEM.

<sup>5</sup>IBIDEM.

O conceito de melancolia no decorrer da história sofreu diferentes tipos de formulação. Elisabeth Roudinesco (2016), psicanalista, presidente da Sociedade Internacional da História da Psiquiatria e da Psicanálise, professora e pesquisadora da Universidade de Paris VII, afirmou enquanto ministrava uma conferência realizada pelo grupo Fronteiras do Pensamento, em 2016, que a melancolia é necessária, existem grandes textos sobre a melancolia e não necessariamente o de Freud. De acordo com Roudinesco (2016), a melancolia é uma parte indispensável do ser humano e, é por isso que não deve ser assimilada melancolia e depressão quando se pensa na ideia de ter momentos melancólicos se pensa em Baudelaire no “Spleen” e também em Aristóteles quando aborda a melancolia e o estado de criação. Segundo a psicanalista temos a necessidade de nos abandonar, viver uma certa perda desta realidade. Ao mesmo tempo é possível ver hoje sociedades na Europa que podemos chamar de depressivas, e não melancólicas, mas sociedades que vivem em um estado depressivo em que os indivíduos são tratados com medicamentos; a melancolia tem seus benefícios e é como se quiséssemos abolir esses benefícios. Para Roudinesco (2016), abolir os benefícios da melancolia suprimindo a melancolia é absolutamente impossível, a melancolia é necessária.

Estudar as questões que contornam a melancolia e os estados melancólicos é uma tentativa de buscar a compreensão da tristeza e do desconforto humano, que podem também proporcionar novas vias de expressão e superação para esses estados.

É possível considerar que a melancolia quando associada a certas condições, possa ser direcionada a favorecer mudanças positivas; é válido pensar que ela possa se tornar um fator determinante para o ato criativo. Estados melancólicos podem se tornar agentes de disposições que proporcionam contribuições de grande excelência seja na literatura, na filosofia, na poesia, na arte e nas estruturas sociais e no desenvolvimento humano.

Pensar a relação entre melancolia e capacidades criativas possibilita pensar em realidades que estão além dos métodos fármacos, além de temas trágicos como os atos destrutivos como é, por exemplo, o suicídio, que é visto por muitos como o único destino

possível para tais estados. Camus (1942)<sup>6</sup> no mito de Sísifo parte do questionamento que o suicídio é a grande questão filosófica de nosso tempo, decidir se a vida merece ou não ser vivida é uma pergunta fundamental da filosofia.

O estudo segue com a apresentação do contexto histórico de melancolia, da discussão sobre melancolia e metáfora e finalmente, realiza uma conclusão preliminar sobre melancolia e criatividade.

### **Melancolia e seu contexto histórico inicial**

A melancolia carrega em si uma longa história que perpassa o Ocidente e o Oriente, tendo em vista diversas formas de pensamento, que permitem interpretá-la e compreendê-la refletindo sobre sua natureza humana.

No Oriente Médio é possível encontrar diversas passagens das sagradas escrituras, que fazem referência à melancolia, e a de maior destaque e a mais surpreendente delas, é a que diz respeito à figura de Saul, o primeiro rei de Israel. Segundo o relato bíblico, Saul tem sua alma caracterizada como melancólica. Saul muito se esforçava para gerir e dignificar sua monarquia e teria sido escolhido pelo próprio Deus em uma das visões de Samuel para ser o primeiro Rei do povo Hebreu; a monarquia de Saul representa nitidamente o novo em relação à tradição e isso é exposto com muita clareza quando Samuel, aquele que representa a antiga forma de governo, se apresenta obstinadamente inflexível em coroar o Jovem Saul. O apogeu de tensão histórica no que diz respeito à administração do rei Saul se dá quando o mesmo se opõe a ordens divinas e livra o chefe do povo amalequita<sup>7</sup> que deveria extinguir o fim da batalha. Samuel, quando toma ciência da desobediência, nomeia o jovem Davi como o novo monarca.

---

<sup>6</sup>CAMUS, A. **O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo**. Tradução por Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas. [Lisboa]: Edição Livros do Brasil, 1942. 244 p. Título original: Le Mythe de Sisyphe.

<sup>7</sup>A primeira menção bíblica aos amalequitas é encontrada em Gênesis 14:7. Esse texto diz que toda a “terra dos amalequitas” foi ferida nos dias de Abraão. Mas naquela ocasião os amalequitas ainda não existiam. Isso significa que o autor de Gênesis utiliza os amalequitas apenas como uma referência para designar um determinado território conhecido pelos seus leitores. O livro de Gênesis foi escrito num período em que o povo de Amaleque já existia e eram conhecidos dos israelitas.

Naquela época, a situação foi explicada como se um “Espírito Mal” tivesse tomado conta de Saul, visto que o conceito de melancolia ainda não havia sido proposto; o termo surgirá posteriormente no Ocidente séculos a frente do período no qual o texto judaico foi escrito. A escritura sacra em sua descrição relata que Saul envolvido pela vingança em conflito consigo mesmo, perde a própria paz e atenta contra a vida de Davi, mas, sem sucesso, e por fim, Saul comete suicídio. “O espírito de Deus afastou-se de Saul, e ele começou a ficar agitado por um espírito mal enviado por Deus”<sup>8</sup>.

O “Mal Espírito” que dominava Saul seria o que conhecemos hoje como melancolia, o rei mostrava-se um homem desanimado e voltado para si, o único antídoto que o acalmava era a arpa tocada por Davi. “Todas as vezes que o espírito mal acometia o rei, Davi tomava a arpa e tocava, e então Saul acalmava-se, sentia-se melhor e o espírito mal o deixava”<sup>9</sup>.

É importante considerar que o uso do termo, ou seu conceito atribuído em período muito remoto, corre o risco de receber críticas por sua incongruência, porém, permite pensar uma nova perspectiva em que, no presente caso, o “Mal Espírito” que acomete Saul seria o estado de melancolia, responsável pelo desânimo e por fim, o causador do atentado contra sua própria vida.

Em tempos atuais, sobre o benefício da arpa de Davi que muito auxiliava Saul, é possível dizer que o rei Saul respondia bem a tratamentos fundamentados em musicoterapia<sup>10</sup>.

Já no Ocidente por volta do século IV a. C., Hipócrates conhecido como o “Pai da Medicina”, estabelece uma teoria humoral, separando no corpo humano quatro humores; o conceito de humor (khymós, em grego) na escola hipocrática é tido como uma substância existente no organismo, necessária para a manutenção da vida e da saúde<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> **A BÍBLIA**. Ave-Maria. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009. 321 p. Velho Testamento. I Samuel, 16: 14-15

<sup>9</sup> **A BÍBLIA**. Ave-Maria. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009. 321 p. Velho Testamento. I Samuel, 16: 23

<sup>10</sup>Conjunto de técnicas baseadas na música e empregadas no tratamento de problemas somáticos, psíquicos ou psicossomáticos.

<sup>11</sup>REZENDE, JM. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina** [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. Dos quatro humores às quatro bases. pp. 49-53. ISBN 978-85-61673-63-5. Available

Esses quatro humores são: Sangue, Fleuma, BÍlis Amarela e BÍlis Negra; esses humores são a natureza do corpo. Para Hipócrates, a saúde se dá quando todos os humores se encontram em harmonia; o equilíbrio dos humores é a condição que possibilita a saúde, enquanto a doença é concebida a partir do momento que ocorre a predominância de um dos humores e há, portanto, uma desarmonia, o excesso ou falta de um dos humores em relação aos outros. Como exposto no livro *Peri physion anthropoy* ou Da Natureza do Homem: “O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais.”<sup>12</sup>.

A exposição da teoria humoral é interessante para a compreensão do que conhecemos hoje como melancolia. Embora não haja como apontar de maneira precisa o início da formulação de uma definição conceitual de melancolia, uma das constatações que mais se aproxima é a apresentada no livro IV dos Aforismos de Hipócrates, no qual em Aforismo 23 é possível encontrar uma espécie de diagnóstico em que Hipócrates afirma: “Se a tristeza (distímia) e medo duram muito um tal estado é melancólico”.<sup>13</sup>

Aristóteles (384-322 a.C) compõe o intitulado “Problema XXX,1” apresentando formulações sobre o conceito de melancolia. Segundo o filósofo, a melancolia ou bile negra era uma doença que assolava sobretudo os gênios, exímios homens de exceção; eles estão mais vulneráveis que os outros aos ‘ataques’ da bile negra e quando essas contrações da bile negra são um pouco mais atenuadas é o que torna o homem um gênio.

Se o estado da mistura é completamente concentrado, eles são melancólicos ao mais alto nível; mas se a concentração é um pouco atenuada, eis os seres de exceção.<sup>14</sup>

Para Aristóteles uma devida dose de humor melancólico era o que determinava a genialidade. Tais melancólicos seriam superiores em genialidade, comparados aos indivíduos comuns; eles tinham perspectivas dignas de exaltação nas atividades

---

from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

<sup>12</sup>CAIRUS, H. *Da Natureza do Homem. História, Ciência, Saúde-Manguinhos*. vol. 6, no2, jul.-out. 1999.

<sup>13</sup>HIPOCRATES apud PIGEAUD, 1998, p.55.

<sup>14</sup>ARISTOTELES, *O problema XXX,1*, p.99.

artísticas, políticas e filosóficas. Para os gregos, a inspiração poética partia dos deuses, um entusiasmo poético que era divino, como é possível conferir no diálogo platônico “Íon” em que Sócrates descreve que os verdadeiros poetas não escrevem seus belos poemas como técnicos, mas inspirados e possuídos pelo divino. Quando se trata da melancolia essas condições passam a ser atribuídas a causas humanas e corpóreas. De acordo com Aristóteles o excesso de bile negra em seu estado natural que seria frio, produzia a apoplexia, torpor, desespero ou o medo; quando o estado normal que era frio traslada para um estado de superaquecimento, o resultado era a manifestação de eutimias e loucura.

A bile negra é fria por natureza, e, não estando na superfície, quando ela se encontra no estado que acaba de ser descrito, se ela é em excesso no corpo, ela produz apoplexias, torpores, atimias, ou terrores, mas se ela é muito quente ela está na origem dos estados de eutimia de cantos poéticos, de acessos de loucura.<sup>15</sup>

No século II, d.C., Galeno ganha destaque, médico do imperador Marco Aurélio, foi responsável por agregar grandes contribuições para medicina da época. Segundo a professora e pesquisadora do Departamento de filosofia e assuntos de psiquiatria da Universidade de Massachusetts, Jennifer Radden, Galeno foi um dos grandes médicos responsáveis por estruturar e o que mais influenciou o pensamento médico na era romana. Galeno foi aquele que sistematizou e reorganizou os escritos antigos acerca das doenças, dando novas perspectivas para umas e agregando novas teorias a outras.

Radden (2000) em seu livro intitulado “The Nature of Melancholy, From Aristotle to Kristeva” afirma que Galeno em uma de suas pesquisas sobre o cérebro, suas funções e doenças, dedicou um capítulo à melancolia. Embora Galeno preferisse usar o termo ‘humor melancólico’, ou ‘sangue melancólico’, ele concordava com a teoria humoral de Hipócrates. Segundo Galeno citado por Radden (2000), a bile negra se manifestava no baço (Spleen) e estaria associada à glândulas atrabiliares. Por isso, ao invés da palavra grega *melankholia*, o médico e filósofo escolheu o termo latino *atrabile* e seus derivados,

---

<sup>15</sup> IBIDEM p.93



tais como: “humor atrabilioso” ou “sangue atrabilioso”. Galeno sistematizou a melancolia em três tipos, que são: aquela que se localiza no cérebro, na corrente sanguínea ou no estômago. Galeno afirmava que embora os melancólicos apresentem muitas atitudes diferentes, as comuns são a tristeza e o medo.

Areteu da Capadócia, um dos notórios médicos que viveu na mesma época de Galeno foi o primeiro a verificar a existência de uma melancolia de característica agitada. A partir disso, o escritor Andrew Solomon em seu livro “O demônio do meio dia”, afirmou que os melancólicos muitas vezes se aproximam da mania, podendo desenvolver uma obsessão por uma ideia fixa, se tornando tristes e energéticos ao mesmo tempo. Areteu, com o método clínico, orientava os seus pacientes a verbalizarem seus sintomas para que assim pudessem liberar seus medos.

Séculos depois durante a Idade Média ocidental devido à condição teocêntrica que fundamentava todas as estruturas de pensamento do período, a ideia de melancolia também ganhou outras formulações. Diferente do conceito apresentado pelos gregos, a melancolia medieval passou a ser conhecida como: acédia ou acídia (do grego akedia, indiferença); a acídia designava o abatimento corpóreo e espiritual, o empobrecer da vontade, a inercia e pusilanimidade. São Tomás de Aquino no *Quaestiones disputatae de malo*, titula a questão central de sua discussão como: “Acídia, um pecado mal conhecido”<sup>16</sup>. Já em “*Summa theologica*” São Tomás de Aquino se refere não só à acídia, mas também a suas derivadas, que são elas: malícia, rancor, torpor, desespero, dissipação do espírito (evagatio mentis), preguiça e pusilanimidade<sup>17</sup>. Segundo o atual Catecismo da Igreja Católica a acídia ou preguiça<sup>18</sup> que consiste em uma de suas manifestações, é o último dos elementos na lista dos pecados ou vícios capitais.

Era atribuído à acídia um caráter prejudicial, característica essa que ganhou força quando assimilada ao mal que distraia os monges e apavorava os mosteiros; a acídia

<sup>16</sup>AQUINO, Tomás de. *De Malo*, q. 11

<sup>17</sup>AQUINO, Tomás de. *Summa theologica* (II-II q. 35, a.4)

<sup>18</sup>No atual Catecismo da Igreja Católica (n. 1866 ) está indicado: *pigritia seu acedia* (preguiça ou acídia). Deve-se destacar que ocupa a “última posição”, o que não é apenas da ordem da forma, até porque forma e conteúdo não existem separados.

era muito associada aos monges do deserto, ou padres do deserto como também eram chamados, pois ela estava associada às difíceis condições que estes viviam – as condições árduas do sol escaldante e clima árido, os jejuns que a vida religiosa exigia, os trabalhos e as rezas interrompidas. Segundo São João Cassiano (360-435 d.C.), um dos ilustres padres do deserto, teólogo do período patrístico e fundador do monasticismo ocidental, participar da vida monástica significava nada além de meditação e contemplação dessa divina pureza que só se ganha através do silêncio. Os monásticos tinham que se sentir alegres por seguir a Cristo, portanto a acídia, ou seja, a indolência e a tristeza seriam uma tentação conduzida pelo demônio. Dentro desta perspectiva, Santa Tereza de Ávila dedicou um capítulo do livro das fundações comentando esse mesmo mal que assombrava os conventos, porém, se utilizando do conceito melancolia, conceito esse que dá nome a um dos capítulos.

A acídia também manifestada como inação, permite debater o objeto de estudo desta pesquisa. A acídia promove a inércia perante a falta de sentido e a miséria da vida, mas é justamente esse sentimento de insatisfação que pode mobilizar a pessoa para a ação e, assim, passar da inação à ação, da inércia à necessidade de encontrar sentido para a existência; sendo assim, a melancolia pode corroborar a visão de Hipócrates como possível motivação efetiva ou um motor determinante ao ato criativo.

Com a chegada do período renascentista, período caracterizado pela valorização da estética artística, a passagem da visão teocêntrica para a antropocêntrica em que o homem é o ser principal e decisivo elemento na condução da história juntamente com o pensamento científico, identificamos a era de ouro da melancolia. No renascimento é possível observar a retomada da concepção aristotélica de melancolia, entendendo a melancolia como fonte de inspiração e condição responsável para a realização de grandes obras. Devido à modificação da estrutura teocêntrica para a antropocêntrica, a ideia de acídia e todas suas considerações religiosas foram sendo alteradas e perderam o significado negativo dando lugar à ideia de uma condição privilegiada e digna de veneração. Segundo Sciar:

A melancolia renascentista já não era a acídia de outrora [...] essa última deixava a pessoa langorosa, preguiçosa enquanto o melancólico era capaz de produzir intelectual e artística.<sup>19</sup>

Para Marsílio Ficino (1433-1499), filósofo italiano de maior representante do Humanismo florentino e um dos principais influenciadores do pensamento renascentista e da filosofia do século XVI, a melancolia estava relacionada a uma busca pelo eterno.<sup>20</sup> Ficino além de ser influenciado pelas obras platônicas e as de Plotino, era tradutor das obras de filosofia grega, o que talvez tenha lhe permitido ser o primeiro autor no renascimento a presenciar o avivamento da ligação aristotélica entre melancolia e genialidade. A renascença tira da melancolia a condição maculada, para os renascentistas a melancolia era algo que tornava as pessoas mais sábias. Para Ficino, a genialidade nada mais era que uma virtude compensatória para os estados de sofrimento proporcionados pela melancolia. No século XVII as ideias de Ficino foram sendo cada vez mais aceitas e fortaleceram a ideia de que o ser melancólico era um ser mais elevado que os outros e que tinha consigo um furor de inspirações inigualáveis.

Essa ideia se difundiu por toda a Europa renascentista influenciando o pensamento de pessoas ilustres que de maneira direta ou indireta passaram a reverenciar a melancolia em suas obras, como por exemplo: Albrecht Durer com a obra: Melancholia I. Segundo Scliar, Durer expõe de maneira nítida a possibilidade de conversão da ideia de melancolia como doença, para metáfora.

### **Metáfora e Melancolia**

Metáfora, na língua latina *metaphora* – significa transferência, transporte, mudança de sentido, transferência de significado. Um dos grandes traços do melancólico é a metáfora, na imensidão de seus estados de tristezas, devaneios e prostrações, o melancólico não encontra outra linguagem possível a não ser a alegórica; talvez essa relação entre melancolia e metáfora explique em parte a relação vigorosa entre melancolia, poesia e as artes. A partir dessa perspectiva, é possível fundamentar a ideia

<sup>19</sup> SCLIAR, M. O nascimento da melancolia. **Revista Ide, psicanálise e cultura**. n.31, p.133-138, 2016.

<sup>20</sup> FICINO, M. **Tres libros sobre la vida**. Tradução de Marciano Villanueva Salas Madrid. Asociación Española de Neuropsiquiatria, 2016.

desta pré-disposição do ser melancólico com relação ao ato criativo e à genialidade. Por meio de sua capacidade de metaforizar, o melancólico tem consigo o poder de transferir, traspor, ou transportar todos os seus sentimentos independentemente de quais sejam eles, seja dor, tristeza, ou até mesmo eutimia, conferindo-lhes um sentido novo.

No “Problema XXX,1” nos escritos de Aristóteles, a ideia de melancolia e excepcionalidade baseia-se na concepção da pessoa do melancólico como um ser em excesso, um ser excessivo, ou seja, um ser de exceção. A palavra exceção se origina no grego “perittoí” que tem como designação aquilo que é em excesso, e em um sentido metafórico significa também aquilo que se apresenta como “excepcional”. Para dissertar sobre esta relação, Aristóteles no “Problema XXX,1” nos apresenta uma metáfora, assemelhando a experiência do provar o vinho à melancolia. Lê-se no texto que o vinho pode apresentar por tempo limitado uma amostragem de caracteres que corresponde cada um a um indivíduo determinado; sendo assim, o vinho tem a capacidade de transformar os indivíduos de diferentes maneiras possíveis, aquele que consome o vinho de maneira gradativa tem seu caráter transformado, o vinho é um modelador de caracteres.

Ora, pode-se o vinho transformar os indivíduos de diferentes maneiras, se se observa como ele muda gradualmente aqueles que o bebem. Porque se ele se apossa de pessoas que não são quando se abstêm de vinho, frios e silenciosos, ele os faz mais falantes, um pouco mais e ei-los eloquentes e confiantes; e se eles continuam, ei-los ousados a empreender; ainda um pouco mais de vinho absorvido os deixa violentos, depois loucos; e uma extrema abundância lhes desfaz, deixando-os idiotizados, como os que são epiléticos desde a infância ou ainda os personagens afetados pelas doenças da bile negra no último nível.<sup>21</sup>

A bile negra assim como o vinho, tem como característica produzir um grande número de caracteres ao comportamento, mas enquanto o vinho proporciona esse estado de alteração por meio da embriaguez e por tempo determinado, a bile negra produz mudanças, mas pela vida toda, é como se o melancólico estivesse embriagado

---

<sup>21</sup> ARISTOTELES, **O problema XXX,1** p.85

até a morte, diferente da embriaguez comum que irá passar; a embriaguez melancólica só irá cessar com o seu padecimento.

Da mesma maneira, portanto, que um só homem muda de caráter ao beber e utilizar o vinho em uma quantidade determinada, assim se encontram os homens para corresponder a cada um dos caracteres. Porque o estado desse homem que bebeu, nesse momento preciso, é o estado em que se encontra um outro homem por natureza; um falante, um outro agitado; um outro próximo das lágrimas [...] O vinho, portanto, cria a exceção no indivíduo não por muito tempo, mas por um curto momento, enquanto a natureza produz esse efeito para sempre, por todo o tempo que se vive.<sup>22</sup>

O melancólico é essencialmente polimorfo, o melancólico possui dentro de si uma multiplicidade de caracteres pessoais, como se a melancolia carregasse consigo um plano de fundo na qual possibilitasse variadas manifestações, isso significa que o melancólico tem em si aspectos que são comuns possivelmente à natureza humana, comum a todos os homens e, é a partir dessa premissa de que subjacente ao sofrimento e ao potencial de transformação há pontos convergentes, se abre a possibilidade de refletir sobre a relação entre melancolia e criatividade.

### **Melancolia e Criatividade – conclusão preliminar**

O questionamento central do “Problema XXX,1” relacionado à presente pesquisa – uma possível relação da melancolia com a criatividade, permite discutir pontos em comum entre a genialidade ou situações de excepcionalidade. A genialidade, desde o início da história da humanidade, revela uma longa listagem de notáveis personalidades melancólicas. Seja no cenário nacional ou internacional, em diversos campos do saber, temos representantes deste perfil pessoal, são eles: Machado de Assis, Fernando Pessoa, José Saramago, Victor Hugo, Martinho Lutero, Liev Tolstói, Friedrich Nietzsche, Charles Baudelaire, William Shakespeare, Pascal, Rousseau e muitos outros.

Jackie Pigeaud (1998) quando refere o “Problema XXX,1”, afirma que o problema da melancolia é um devaneio sobre a criação, ou seja, a criatividade, ou capacidade de criar. Pigeaud menciona no “Problema XXX,1”, que a criatividade é uma pulsão essencial

---

<sup>22</sup> IBIDEM, p.85/87

e diferenciada, uma espécie de incitação irreprimível a se tornar outro, a se tornar todos os outros.<sup>23</sup>

Na psicanálise encontramos teorias sobre o aparelho psíquico e seu funcionamento mental em que são mencionadas as mesmas raízes para o conflito interior, a dor, o sonho e a superação de motivações provocadoras de angústia (BRENNER, 1987).

Neste sentido, um ponto que consideramos fundamental nesta pesquisa não é a resolução do “Problema XXX,1”, mas, as possíveis reflexões que ele nos traz na exposição da ideia de melancolia para além de uma conceituação patológica, que a restringe à dimensão de sofrimento e não permite observar sua potencialidade criadora.

Buscar entender que a melancolia pode ser trasposta, pode ser estímulo, possa vir a ser fator determinante do ato criativo, mesmo que os substratos em que ela repousa sejam a tristeza, o desconforto e a perda de sentido da vida cotidiana, parece se mostrar interessante foco de estudo filosófico.

Da mesma maneira em que o pensamento é transposto da esfera psíquica para a comportamental na escrita, ato que insere uma convergência de áreas do existir – a esfera física, mental e social, o melancólico por ser polimorfo e reunir inúmeros afetos, a potencialidade de todos os caracteres de todos os homens, esclarece a ideia mesma da criatividade melancólica<sup>24</sup>. A melancolia, vale lembrar, mais do que qualquer outro estado pessoal, pode acarretar o despertar da capacidade de ser resiliente<sup>25</sup>, na medida em que o melancólico pode bem direcionar, levado por sua angústia e o sofrer, a traspasar seu humor / afeto negativo, para qualquer outra meta que desejar, seja a filosofia, a poesia, a arte, entre outras áreas de expressão.

Criatividade é a capacidade singular que o ser humano possui e utiliza em sua trajetória existencial, que o diferencia de seus semelhantes, segundo Sakamoto (1999). Pode ser alavancada por situações adversas – as crises emocionais (SAKAMOTO,

---

<sup>23</sup>PIGEAUD, J. **O homem de gênio e a melancolia**. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1998, p. 43-44.

<sup>24</sup>PIGEAUD, Jackie. **O homem de gênio e a melancolia**. Rio de Janeiro, Lacerda Editora, 1998, p.13.

<sup>25</sup>A resiliência é a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas.

1990), inclusive por estados de melancolia, que podem favorecer mudanças. Na melancolia, o horizonte da realidade perde o sentido, mas deixa seu rastro para o melancólico, isto é, os fragmentos de experiências, memórias e aspirações secretas mantêm, ainda que tênue, o fio com a vida – a ideia de que houve um dia, um significado para as ações do cotidiano, ou que haveria de existir uma lógica que relacionasse o momento atual com um passado obscuro de dor, ou ainda, a ideia de que vai haver um amanhã em que o sentido do óbvio e do mistério poderão se mostrar, são elos que podem ser capazes de conectar forças restaurativas. O melancólico sofre, mas em seu sofrimento encontra a chave para caminhar em direção a busca de respostas. Sendo assim, o “espírito do mal” como para Saul, pode ser dominado pela esperança de encontrar a própria potência de existir e de viver, transformando a si mesmo.

O melancólico cria uma nova realidade, ao tecer obras na filosofia e na arte, por exemplo. A criatividade é a capacidade que mesmo gerada pela dor, transforma o “mal” em benção em manifestações de saúde e produção inovadora.

O estudo relativo à associação entre melancolia e criatividade, apenas se iniciou. Convida a novas pesquisas e discussões.

### **Referências Bibliográficas**

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001, v. I, parte I..

ARISTÓTELES. Problema XXX,1. In: PIGEAUD, Jackie. **O homem de gênio e a melancolia**. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1998.

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise**: introdução à psicologia psicanalítica. Tradução de Ana Mazur Spira. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria, 141.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1959, (impressão 2001). p.311

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**: ensaio sobre o absurdo. Tradução de Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1942. [Título original: Le Mythe de Sisyphe].

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

FICINO, M. **Tres libros sobre la vida**. Tradução de Marciano Villanueva Salas Madrid, Asociaciùn Española de Neuropsiquiatria, 2016.

FREUD, S. **Obras completas de \_\_\_\_\_**. Luto e melancolia. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1964.

HIPPOCRATES. **Maximes et pensées**. Paris, Éditions André Silvaire, 1976.

PIGEAU, Jackie. **Metáfora e melancolia**: ensaios médico-filosóficos. Rio de Janeiro: PUC Rio/Contraponto, 2009.

REZENDE, Joffre Marcondes. **À sombra do plátano**: crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. Dos quatro humores às quatro bases. p. 49-53.

ROUDINESCO, E. **Os benefícios da Melancolia**. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/videos/os-beneficios-da-melancolia-segundo.html>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. **A Criatividade sob a Luz da Experiência**: a busca de uma visão integradora do fenômeno criativo. 1999, 216f. Tese. (Doutorado em Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Livres Associações sobre o estado de Crise Emocional** – perspectivas de compreensão psicodinâmica da capacidade criativa. 1990, 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.

SCLIAR, M. **Saturno nos trópicos**: a melancolia europeia chega ao Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCLIAR, M. O nascimento da melancolia. **Revista Ide, psicanálise e cultura**, n.31, p.133-138, 2016.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia**: uma anatomia da depressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.